

Título A arte como reinvenção
Data Setembro 2025
Evento 36ª Bienal de São Paulo
Publicação Marie Claire

Autor Priscila Geremias
Artista Márcia Falcão

De Manaus a Salvador, do Rio a São Paulo, Manuara Clandestina, Rebeca Carapiá, Juliana dos Santos e Márcia Falcão criam obras que transformam corpo e território em linguagem política, expandindo os limites da arte contemporânea brasileira na 36ª Bienal de São Paulo

POR PRISCILLA GEREMIAS

A arte como reinvenção

“NEM TODO VIANDANTE ANDA estradas, há mundos submersos, que só o silêncio da poesia penetra.” É desse trecho do poema “Da calma e do silêncio”, de Conceição Evaristo, que nasce o título da 36ª Bienal de São Paulo:

Nem todo viandante anda estradas – Da humanidade como prática. Com conceito criado por Bonaventure Soh Bejeng Ndikung, ao lado dos curadores Alya Sebt, Anna Roberta Goetz e Thiago de Paula Souza, da curadora at large Keyna Eleison e da consultora de comunicação e estratégia Henriette Gallus, a próxima edição, que começa neste mês e vai até 11 de janeiro de 2026, mergulha nas reflexões sobre descolamento e encontro, nas assimetrias de poder que ainda perduram, e sobre como as culturas podem superar traumas.

São 120 participantes no Pavilhão da Bienal, no Parque Ibirapuera. Entre elas, quatro mulheres que respondem a *Marie Claire* como suas obras se conectam com o mergulho proposto. De diferentes cantos do Brasil, Manuara Clandestina, Rebeca Carapiá, Juliana dos Santos e Márcia Falcão criam como forma de enfrentamento às estruturas sociais. Seus trabalhos deslocam o olhar e trazem à tona corpos e narrativas marginalizadas e fazem delas os nomes em efervescência da arte contemporânea nesta Bienal.

FOTO: PABLO SABORIDO, DIVULGAÇÃO BIENAL

Título A arte como reinvenção
 Data Setembro 2025
 Evento 36ª Bienal de São Paulo
 Publicação Marie Claire

Autor Priscila Geremias
 Artista Márcia Falcão

ARTE



MÁRCIA FALCÃO *Rio de Janeiro, Rio de Janeiro*

Filha de um ferroviário ligado ao samba e de uma trabalhadora da saúde evangélica, a artista descreve a própria formação como marcada pelo cotidiano de uma família brasileira comum, em que a educação era vista como herança. Mas foi por acaso que chegou à Belas Artes da UFRJ, em 2004, após se inscrever em um curso livre de desenho para "ocupar o tempo" enquanto aguardava o vestibular. "Não tinha o repertório dos meus colegas", lembra. Ainda assim, persistiu – entre empregos em shopping e a responsabilidade de morar sozinha. A vida adulta trouxe novos desafios. Depois de atuar como gerente no comércio, casar, ter duas filhas e se separar, viu-se desempregada. Foi aí que decidiu retomar a arte, inicialmente com a ideia de dar aulas. "Voltei a fazer um curso livre e, com isso, participar

de exposições coletivas e receber elogios pelo meu trabalho." Em 2020, a pandemia acelerou a virada: ela publicava imagens dos experimentos sobre suas obras e uma delas chamou a atenção de Adriana Varejão, que encomendou trabalhos e apresentou Márcia à galeria que hoje a representa. Márcia parte de uma investigação sobre a pintura e o corpo feminino negro. Seus quadros invertem a lógica da cor e propõem leituras cromáticas em que aquilo que costuma ser secundário ganha protagonismo. Os corpos que pinta não são representações de mulheres como ela mesma: figuras periféricas, frequentemente invisibilizadas. Márcia chega à Bienal com obras que condensam esse percurso. Futuros. "A gente tem o privilégio da luz – e a luz, para a pintura, é tudo."



FOTOS: EDUARDO ORTEGA, DIVULGAÇÃO BIENAL